

AS IMAGENS DE CORPO E A CORPOREIDADE FEMININA: ENTRE MITOS E REALIDADES.

PROF^a. ESP. RAIMUNDA ADRIANA MAIA COSTA¹
PROF^a. DR^a. EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO²

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ – UEPA, SANTARÉM – PARÁ – BRASIL
dricamaia30@gmail.com

Os temas ligados à corporeidade e educação não têm sido considerados de fácil discussão, quer seja no campo da Educação Física, enquanto curso de formação acadêmica, quer seja na Pedagogia ou demais campos das Ciências da Educação, pois, a compreensão do processo de construção dos conceitos, imagens, significados e formas, relativos ao corpo nem sempre representaram uma preocupação para a sociedade em geral. Esta complexidade aumenta quando se deseja abordar os discursos percebidos sobre as imagens de corpo, a construção histórica da corporeidade feminina e suas implicações frente aos discursos de instituições sociais.

As maiores instituições reguladoras dos valores e costumes sociais foram, historicamente: a Igreja, sob a égide dogmática do cristianismo; a Escola, que observando esses dogmas os incorporou instituindo um modelo tradicional de educação; e por fim a Família, que tomando para si todas essas ideias passou a regular desde a vida social, religiosa, educacional e até sexual de suas filhas. Neste trabalho, estaremos apresentando parte da análise que fizemos das imagens de corpo, em especial dos corpos femininos, refletindo sobre o caminho da metamorfose da corporeidade nas trilhas da evolução histórica da humanidade, interpretando a construção dos sentidos de corpo desde a pré-história, até a modernidade, tecendo um paralelo entre as concepções de corpo pecado, corpo sagrado, corpo objeto e corpo cibernético.

A humanidade carrega em sua história as mais diversas imagens de corpo, que foram criadas pelas sociedades e reforçadas através de suas culturas, crenças, religiões e comportamentos. Por isso, ao longo dos séculos, as questões sobre o corpo foram, gradativamente, despertando interesse, principalmente pelas várias contradições que o envolveram neste trajeto. Acompanhando as reflexões sobre o corpo vemos despontar uma longa tradição da humanidade em compartimentalizar o ser humano, hierarquizar os gêneros e dividir seus papéis sociais, características que representaram uma constante na sociedade ocidental.

Tais reflexões são constatadas desde a Pré-História, quando os indivíduos eram submetidos a toda sorte de provações físicas para sobreviverem e escaparem da inevitável seleção natural predatória. Nesta analogia o corpo possuía uma imagem meramente utilitarista (_Sou mais forte! Logo, sobrevivo!), a resistência física ganhou destaque, sendo colocada como condição primária de existência e continuidade, uma vez que nas sociedades primitivas buscava-se primeiro a saciedade e segurança, fatores estes essenciais para a satisfação de suas necessidades básicas.

Na antiguidade, algumas civilizações se destacaram quanto às suas percepções e significados atribuídos ao corpo. Na Grécia predominava a ideia de corpo forte e perfeito. Em Esparta certificamo-nos da existência e implantação de um sistema de avaliação e classificação corporal, que culminou com o extermínio de inúmeras crianças que nasceram

1 – Especialista em Fisiologia do Exercício, Licenciada Plena em Pedagogia (UEPA), Licenciada Plena em Educação Física (UEPA) e Professora da SEDUC/PA.

2 – Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso que originou o artigo e Docente da Universidade do Estado do Pará. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Saúde de Populações Amazônicas – GEPESPA.

com deformidades físicas, pois para a sociedade espartana, tipicamente guerreira, essas crianças “imperfeitas e anormais” não teriam possibilidades de contribuir para o progresso do Estado, pois, se fossem meninos, ao crescerem não poderiam servir ao exército para defender a nação e, enquanto meninas não poderiam gerar filhos fortes e saudáveis para garantir a perpetuação da espécie e de linhagens de alto nível. Atenas, por sua vez, não se distanciou deste modelo, mas manteve-se com uma variante: quem decidia pela vida ou morte da criança era o pai, enquanto que em Esparta era o conselho dos anciãos, consultores dos governantes. Em ambas cidades, percebemos a exaltação do valor atribuído ao corpo útil.

Na Idade Média, a predominância não era filosófica, muito menos patriótica, a cultura predominante era eclesiástica, difundida universalmente pelo cristianismo, predominando o teocentrismo – Deus como centro do universo – “Afogado em crenças e dogmas religiosos, surge um homem que só era encorajado à conquista da vida celestial. O total descaso pelas coisas materiais estabelecia um absoluto divórcio entre o físico e o intelectual.” (OLIVEIRA apud GILES 1987, p. 32), entre o material e o espiritual, entre razão e emoção, entre corpo e mente. E assim, a única busca válida era pela salvação da alma. Os ensinamentos eram restritamente vinculados à leitura de passagens bíblicas, havendo uma tendência constante em valorizar os aspectos espirituais, celestiais e religiosos, acompanhados de um profundo desprezo pelo corpo, pelas questões materiais e terrenas. Desta maneira, na educação das crianças, o aprendizado maior deveria ser a temência a Deus. Portanto, são inúmeras as passagens bíblicas que mencionam o temor divino como virtude, pois no Evangelho de São Lucas (12: 4 -5), ensinou Jesus: “não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: teme aquele que, depois de tirar a vida, tem poder para lançar no inferno. Este sim, vos digo eu, teme.”

Na Idade Média a condição da corporeidade feminina oscila entre dois pólos: o sagrado e o profano, tendo em vista a predominância cristã sobre a humanidade, a religião católica detém as determinações sobre os aspectos sociais e culturais, fornecendo uma variedade de discursos povoados de imagens justificadoras das suas vontades ideológicas. Neste contexto, o exemplo de Maria e Eva, duas imagens constantes e absolutamente conflitantes, são apresentados a todo o momento como forma de orientar os valores e papéis sociais que devem ser absorvidos pelas mulheres, para que estas alcancem o caminho para a salvação. Podemos identificar nestes dois protótipos, que Eva representava o que a mulher é de fato e Maria modelo ideal, representava o que a mulher deveria ser. O que parece incompreensível é que, no entendimento da Teologia Católica, acerca das mulheres como descendentes de Eva, existe certa tendência em utilizar a imagem de Eva, descrita como pecadora, perigosa, tentadora, voluptuosa, para generalizar os conceitos e significados acerca dos corpos e personalidades femininas, colocando-as, primariamente, como passíveis à corrupção e ao pecado. Em Eva, encontram-se todos os motivos para a rejeição, discriminação e significação da corporeidade feminina, pois a figura da mulher, que foi construída ao longo dos séculos a partir desta concepção, é a personificação de Eva como pecadora, tentadora, aliada do Satanás e finalmente culpada pelo homem ter caído em “tentação”, levando a humanidade à situações de injustiças e sofrimento. A imagem negativizada de Eva justifica-se, ainda, na sua fraqueza às tentações da serpente e na desobediência às ordens divinas, em virtude disso, vê-se através da Bíblia Sagrada o primeiro corpo feminino crucificado, não na cruz de madeira como o foi Jesus Cristo, mas na ideologia propagada pela teologia Católica e ceticamente interpretadas a favor do patriarcado dominador.

Outra imagem de corpo feminino inspira-se na Virgem Maria, onde a Igreja Católica estabelece um novo modelo de submissão com a finalidade de preservar a ordem e a família, assim como o poder patriarcal, pois na concepção cristã, Maria é o grande exemplo de mãe e redenção do Ser Feminino, e as mulheres ao seguirem este modelo representariam menos perigo à ordem patriarcal, pois para isso seria forjado um novo ideal de mulher que seria socialmente reforçado em vistas à necessidade emitente do reaparecimento do feminino, mas

sob controle absoluto, desta vez personificado na Virgem Maria (CAVALCANTI apud MOTA RIBEIRO, 2000, p.7). Ela é usada como uma tentativa de possibilitar à mulher desvencilhar-se da sua condição pecaminosa imposta pela desobediência de Eva. Nota-se então um modelo ideal de corporeidade feminina, aquele sempre disposto e disponível às vontades do seu marido e senhor. O corpo de Maria possui uma inteligibilidade dependente, seu corpo é puro já que concebe sem ter cometido o pecado original, deu a luz mesmo sendo virgem.

É na época medieval que homens e mulheres têm seus papéis sociais e sua moralidade amplamente discutidos, definidos e aceitos em face da temerosidade divina e os saberes valorizados, são somente os explícitos nas escrituras sagradas. Em face disto a Idade Média é mergulhada em grande obscurantismo científico e cultural. Neste mesmo período, é criada a Inquisição, também chamada de Santo Ofício e caça as bruxas, tendo por finalidade caçar, julgar e condenar os hereges. Eram consideradas heresias todas as formas de expressão contra a autoridade Papal e a Igreja Católica

(...) a caça às bruxas representou uma violenta repressão ao corpo e a suas manifestações, não apenas através das torturas impostas nos processos inquisitoriais(...) transformando radicalmente a condição feminina ao reduzir seu espaço ao domínio privado. As 'bruxas' livres sexualmente e detentoras de um saber médico que lhes assegurava um reconhecimento público deram lugar às mulheres domesticadas e assexuadas. (AGUIAR, 1997, p.419).

Tal afirmação é representada pelo mito mariano que se contrapõem à feiticeira e voluptuosa Eva, tentando resgatar parte da pureza e dignidade feminina modelando-se a mãe perfeita através de Maria. Em verdade, eram tentativas constantes de reprimir os desejos sexuais masculinos como autopunição, direcionando todas as formas de vinganças aos corpos femininos, tratados como objetos de desejo, corpo sagrado e ao mesmo tempo corpopecado. A "Santa Inquisição", na sua longa e tenebrosa jornada, levou aos horrorosos suplícios, inclusive às fogueiras, algumas centenas de mulheres acusadas de atentado ao pudor e aos valores morais, impostos pela doutrina católica, culminando portanto com suas mortes.

Todavia, tal situação começa a ser revertida por volta dos séculos XV e XVI, quando na Europa é dado início ao Renascimento um movimento que fez explodir as artes, a música, a ciência, a literatura e, como não poderia deixar de ser, a corporeidade, desta vez inaugura-se uma nova concepção de homem e natureza. Nesta época pode-se notar um regresso à natureza, pois, impõem-se as substituições do modelo teocêntrico do universo, por um modelo antropocêntrico e, assim, o homem deixa de pensar o universo somente em função de Deus e vê-se também como idealizador do seu destino, colocando-se como centro deste processo. Este se sente orgulhoso de sua inteligência e tende a dar valor às capacidades individuais e ao espírito de iniciativa de cada um, enquanto que a natureza e seus aspectos são infinitamente divinizados.

Desta forma, os Seres-femininos-no-mundo, aceleraram sua peregrinação em busca de imagens de corpo não condizentes com suas realidades. Esta compulsão pelas marcações milimétricas dos corpos, não são privilégios da Sociedade Moderna, Pós-Revolução Industrial, mas pelo contrário, representam uma História tão antiga quanto à história da humanidade. Pois, olhando pelo "caleidoscópio" do que pareceu ser o ideal de beleza humana, percebemos que desde a época pré-socrática, a beleza tem sido baseada em proporções numéricas, cujos elementos, segundo Nancy Etcoff, são clareza, simetria, harmonia e intensidade de cor. (1999, p. 24). Assim, durante toda a história, artistas ultrapassaram as barreiras da realidade e retrataram, da profundidade de suas imaginações, as propriedades dos corpos femininos, capturados das proporções geométricas dos ideais de beleza.

A modernidade representa uma nova etapa histórica das imagens de corpo. No campo das ciências, constatamos inovações na medicina que possibilitam, cada vez mais, uma completa transformação de nossa aparência. São propostos produtos e procedimentos que nos levariam a conquistar o corpo 'ideal', para então podermos tomar lugar no mundo das pessoas 'realizadas e felizes'. Mediante este contexto, a aparência e a imagem de corpo percebida

passam a assumir uma posição de extrema importância na constituição da auto-estima e na construção de novos significados e identidade pessoal pelos indivíduos inseridos neste universo simbólico. E aqui desenharemos as últimas imagens de corpo, pois nesta fase, as imagens se confundem com discursos e conseqüentemente com os significados, que se constituíram por meio da convivência dos mitos sociais com os mitos biológicos, podendo estas tornarem-se ilusórias, levando-nos a fugir dos nossos propósitos. Assim, concluiremos esta caminhada ressaltando além da imagem de corpo objeto, o corpo mais recente: o cibernético. Pois, enquanto objeto, o corpo que comunica e que é comunicado em função da sua relação com o mundo, constrói esse significado enquanto se molda e é moldado, enquanto usa e ao mesmo tempo é usado, quando compra e também se vende para acessar uma imagem que não lhe é palpável e que é manipulada conforme infinitas conveniências. Já o corpo cibernético projeta sua imagem em função da comunicação e relação espacial com o mundo também, mas com a mediação das máquinas. Constrói-se então um novo corpo, aquele que se monta e desmonta, substitui-se e reparam-se os componentes, um corpo modificado em busca de um ideal de beleza, jovialidade e perfeição.

Tudo isto nos faz perceber que, por mais que se neguem, estas imagens nos perseguem. Pois, existiu e existe um padrão de beleza, uma imagem de corpo perfeito, embasado numa simetria que, coerente ou não, serve de parâmetro, para que se desenhem, através dos métodos mais modernos, nas mesas de cirurgias plásticas, estéticas e corretivas, os corpos perfeitos, simétricos, harmoniosos, jovens, belos e, quem sabe, até saudáveis. Este talvez seja um dos principais pressupostos que nos leva a crer que existe um padrão de corpo, de beleza, um corpo ideal, que impulsionados pela crescente indústria cosmética e consumista, imprime na corporeidade feminina as suas marcas, os seus estigmas, através do discurso da feminilidade completa inscrita nas transformações físicas e na personificação das imagens de Super-Mulheres, sejam elas sagradas ou pecadoras. E é por isso que somos, diariamente, bombardeados por peças publicitárias que ostensivamente colocam em xeque a nossa satisfação com nosso corpo. Estes ideais cristalizaram-se, e foram impressos nos corpos femininos.

Neste sentido, concluímos que cada corpo carrega consigo as marcas e estigmas do seu tempo. Sendo que, a maioria destas cicatrizes históricas da corporeidade feminina são as provas mais contundentes da relativização do papel social da mulher, fruto da desigualdade tradicionalmente impingida ao sexo feminino. Todavia, é importante reconhecer que esta questão não se esgota tão rapidamente e nem pode ser reduzida às meras conseqüências dos discursos filosóficos, sociológicos, culturais, educacionais ou teológicos, sob pena de se fazer um julgamento sem réu nem juiz, pois as hierarquias sócio-culturais, impostas ao sexo feminino, são o produto primário de um longo processo de construção cultural e significação da identidade corporal feminina. Desta forma, faz-se imperativo que discussões como estas sejam retomadas e aprofundadas futuramente, para que os Seres-Femininos-no-Mundo, partam em busca de uma imagem que seja a projeção mais nítida e perfeita de seus desejos, anseios e identidades, uma resignificação de sua corporeidade e não uma sombra ou cópia carbonada daquilo que almejam as ideologias repressoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Heliana. Discursos sobre o corpo: de corpo pecado a corpo objeto. In: **Coletânea do V Encontro de História do esporte, lazer e Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo; Editora Iracema, 1979.

ETCOFF, Nancy. **A lei do mais belo**. Trad. Ana Luzia Borges de Barros. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GILES, Thomas Ransom. **História da Educação**. São Paulo: EPU, 1987.

MOTA RIBEIRO, Silvana. **Ser Eva e dever ser Maria**: paradigmas do feminino no Cristianismo. In: IV Congresso Português de Sociologia. Disponível em: <<http://www.aps.pt/ivcongractas/Actas181.pdf>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2004.

Endereço: Rodovia Federal Cuiabá-Santarém, BR 163 Km 15 S/N. Bairro: Colônia Cipoal. CEP:68030-990. Santarém – Pará – Brasil.

Telefone: (93) 9122-6377/(93) 8801-6589

e-mail da autora principal: dricamaia30@gmail.com